

## JUNHO - MÊS DE PORTUGAL NA RAEM À CONVERSA COM... JOAQUIM FURTADO

A partir do convite que lhe foi dirigido pelo IPOR e pelo Consulado-Geral de Portugal em Macau e Hong Kong, o conceituado jornalista português Joaquim Furtado estará em Macau, entre 9 e 14 de Junho, para a realização de um conjunto de ações que integram a programação de “Junho - mês de Portugal” na RAEM.

Na sessão “À conversa com Joaquim Furtado”, que terá lugar no dia 13 de Junho, às 18.30, no Auditório Dr. Stanley Ho, no CGPMHK, o jornalismo e o seu marcante percurso como jornalista constituirão alguns dos temas para esse encontro aberto ao público, que terá a moderação do jornalista Gilberto Lopes, em representação da Associação de Imprensa em Português e Inglês, que associa as sua parceria ao evento.

No dia anterior, dia 12, Joaquim Furtado terá um encontro com alunos da EPM, também para uma conversa onde o 25 de abril e o jornalismo merecerão as perguntas dos estudantes.

O percurso profissional e a visão de Joaquim Furtado sobre o jornalismo estarão, assim, no centro das sessões. Um percurso que, após uma experiência inicial na Rádio Universidade, se inicia no Rádio Clube Português, em 1969, num programa – Tempo Zip – que o coloca em contacto com alguns dos nomes que marcaram também a história da rádio e da televisão, como Carlos Cruz, Fialho Gouveia e Nuno Martins. A este núcleo se poderá ainda adicionar o trabalho que de perto realizou com outros nomes importantes como ele na busca, por essa nova geração, da alteração do padrão noticioso e jornalístico, ainda sob o peso da censura, de que se poderão referir Rui Pedro, João Paulo Guerra, Adelino Gomes, José Manuel Nunes.

É como jornalista que está do lado da liberdade e como pessoa que adere a uma causa, como referiu numa entrevista a Diana Andriga, que avança para a leitura do primeiro comunicado do MFA, na madrugada de 25 de abril de 74, aos microfones do Rádio Clube Português.

Vive o período revolucionário político na rádio, que foi também, em termos de jornalismo, o que considerou a “Universidade de Jornalismo em laboratório vivo”, mudando-se para a RTP em 75, iniciando a aprendizagem do jornalismo em televisão.

É na estação pública que faz a parte maior do seu percurso, estando associado a vários programas que constituem referências no jornalismo televisivo, como “Informação 2” e “Falar Claro”. Em 1995 é convidado para Diretor de Informação e Programas, constituindo uma equipa de jornalistas que marcaram a informação em televisão (Joaquim Vieira, Barata Feyo, Cesário Borge), cargo que deixa em 98, por razões que têm a ver com a postura pela qual é conhecido e reconhecido – uma forte independência e a defesa da desinstrumentalização da informação e do jornalistas. Acredita, antes, num papel social do jornalista e recusa o jornalismo cínico e tecnocrata.

Se com “Os Anos do Século” e “Anos 70: imagens de uma década”, que produziu em 1980, juntamente com outros jornalistas, marcou o documentário para televisão numa abordagem histórica, “A Guerra”, série que inicia em 2007 e de que é autor e realizador, constitui a grande até hoje o grande documento na área do documentário sobre a guerra colonial numa perspectiva multilateral.

Do seu percurso como jornalista fazem ainda parte outras colaborações na rádio (na Rádio Renascença e na RDP, para além do Rádio Clube Português) e na imprensa escrita – Diário de Lisboa, Grande Reportagem, e jornal Público (onde foi provedor do Leitor).

Para a realização desta ação, o IPOR contou com o apoio do Instituto Cultural da RAEM e da SJM e o apoio institucional da Fundação Oriente e da Casa de Portugal no âmbito da programação de “junho – mês de Portugal”.

Macau, 8 de Junho 2017